



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante jantar realizado após cerimônia de relançamento da Câmara de Comércio Brasileiro-Boliviana

Santa Cruz de La Sierra-Bolívia, 08 de julho de 2004

Um dia vão ganhar dinheiro pela quantidade de discursos que eu faço todos os dias. Eu ficaria milionário. Mas eu não poderia deixar de dizer umas palavras ao povo da Bolívia e ao meu amigo Carlos Mesa.

Eu penso que Deus escreve certo por linhas tortas. E quis o destino que, em função de circunstâncias políticas, o nosso amigo Carlos Mesa se transformasse em presidente da Bolívia.

E veja o que é o destino: um homem de televisão, um homem que não tinha partido político, um homem que a muito custo aceitou ser vice do presidente Sancho de Louzada, possivelmente, com as mesmas dificuldades que o vice-presidente José Alencar aceitou ser meu vice, porque quando eu fui convidar o José Alencar para ser o meu vice ele pertencia a um outro partido político, era um empresário muito bem-sucedido, e eu disse que precisava dele para ganhar as eleições e quebrar o preconceito que empresários tinham da minha pessoa.

Parece-me que a situação do presidente Carlos Mesa foi mais ou menos a mesma. Ou seja, ele precisou ser vice para quebrar preconceitos, para ajudar a dar credibilidade numa campanha em que o povo boliviano tinha muitas dúvidas. E sem querer ser vice, termina sendo presidente da Bolívia.

Pode parecer, para algumas pessoas, que o fato de alguém ter chegado à Presidência depois da queda do presidente, essa pessoa chegue enfraquecido, porque não tinha a liderança dos partidos políticos, dos movimentos sindicais. Mas eu penso que até nisso nós tivemos uma história parecida no Brasil. Me permita contar a vocês.



Quando, em 1992, a sociedade brasileira, cansada da corrupção, tirou o presidente Collor, com a votação do *impeachment* dele no Congresso Nacional, o presidente Itamar era uma pessoa que não tinha feito nenhum movimento para derrubar o Collor.

Quando o Itamar Franco assumiu a Presidência, todos nós, mesmo o meu partido, que tinha feito uma forte campanha para tirar o Collor, achou que não era prudente fazer oposição ao presidente Itamar Franco, que era preciso garantir a governabilidade para que nós pudéssemos dar uma chance ao Brasil e eleger o presidente que pudesse honrar os votos dos eleitores brasileiros. E eu acredito que, poucas vezes, um vice-presidente tenha assumido a Presidência com tanta fragilidade, do ponto de vista das organizações políticas, porque Itamar pertencia ao partido do Collor naquela ocasião, que era um partido inventado pelo Collor. Entretanto, mesmo não pertencendo a nenhum partido político, Itamar Franco não teve dificuldade de governar, porque todas as pessoas responsáveis do Brasil queriam que o presidente Itamar fizesse um bom governo e que, na sua sucessão, pudesse eleger alguém que também tivesse respeitabilidade. E isso aconteceu. Mesmo com divergências que eu e qualquer um da minha equipe possamos ter com o presidente Fernando Henrique Cardoso, nós todos reconhecemos que a eleição de Cardoso foi um avanço extraordinário para a democracia brasileira, pela qualidade intelectual dele, pelos compromissos históricos dele.

Aqui, na Bolívia, o que me parece é que vocês estão tendo uma nova chance, uma chance de transformar este país num país grande, do ponto de vista da sua economia, num país desenvolvido do ponto de vista do conhecimento que as pessoas possam adquirir. Porque vocês perderam um presidente e o vice assumiu, um homem que possivelmente todos vocês concordaram com ele, quando era apenas um jornalista que entrevistava políticos na televisão. E, possivelmente, muitos de vocês gostavam das críticas que ele fazia aos políticos que entrevistava.



Pois bem, ele, agora, está no dever de ser o político perfeito que ele achava que os outros deveriam ser. Ele, agora, tem a oportunidade de ser tudo aquilo que ele cobrava dos entrevistados dele na televisão.

E eu falo isso prazerosamente, porque quando alguém me pergunta sobre o que acho de ser Presidente da República do Brasil, eu falo para as pessoas: eu estou gostando de ser presidente para fazer tudo aquilo que eu achava que os outros deveriam fazer. Então, quando vejo uma manifestação na rua contra o meu governo, quando vejo uma greve contra o meu governo ou quando vejo uma crítica, de vez em quando, chego numa reunião do Ministério, e falo: não se preocupem, não fiquem nervosos, porque nós já fizemos isso contra os outros.

Esses dias, eu estava num avião, conversando com uma ministra, e eu me queixava de que no Brasil as pessoas esperam que o governo faça tudo. Tudo mundo espera que o governo faça tudo. E eu dizia que, até 1967, não era assim. E ela me disse o seguinte: “presidente Lula, não se esqueça que quem ensinou o povo brasileiro a querer que o Estado fizesse tudo foi o senhor.” Então, vocês percebem que eu não tenho o direito de reclamar, eu não tenho o direito de ficar nervoso, eu tenho que fazer apenas aquilo que eu acredito que é possível fazer.

Eu sempre digo, Presidente, que eu trato o povo brasileiro como eu trato os meus filhos. Eu quando tenho que dizer não para um filho meu, eu digo não. É melhor dizer um não do que mentir para um filho, fazendo promessas que você não pode cumprir. É assim que eu trato a minha relação com o povo brasileiro.

Eu estou dizendo isto, porque a responsabilidade de dirigir este país não é do Carlos Mesa. Ele é consequência, tanto quanto vocês, do que aconteceu neste país.

Portanto, eu quero dizer para vocês, que nós iremos fazer, enquanto governo brasileiro, a nossa parte para ajudar a Bolívia a se transformar num



grande país. A outra parte, não esperem que ele faça, façam vocês pela Bolívia, pelo povo boliviano e pelos seus filhos.

Com essas palavras, eu quero brindar a nossa relação de amizade Brasil-Bolívia, que seja duradoura e eterna. E boa sorte, meu querido amigo, Carlos Mesa.